

4ª PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE (*)

Horácio Dídimo

O AMOR

O amor é mesmo um dom inestimável
ou talvez seja um sonho indestrutível;
não há mal que não seja reparável;
não há bem que não seja irresistível.

Nossa vida é, contudo, imprevisível,
o clamor da justiça, inadiável,
o espaço da esperança, indivisível,
o horizonte da fé, inabalável.

A dor que não desiste é invisível,
o momento da flor é imutável,
a cantiga do sapo, intraduzível.

Sei que o torturador é implacável,
mas além das fronteiras do impossível
o amor é como um sol interminável.

(*) Proferido a 8 de maio de 1987, no ato de posse da Cadeira n° 8 da ACL.

MEUS PREZADOS AMIGOS

Acredito firmemente que a Literatura nunca poderá deixar de ser um instrumento lúcido e lúcido do amor e da justiça. E onde dois ou três ou quarenta estiverem reunidos em seu nome a poesia estará no meio deles.

Se recebido nesta Casa por Artur Eduardo Benevides, príncipe dos poetas cearenses mestre insigne e dileto amigo é para mim um grande privilégio. Suas palavras já nos deram a medida do seu coração de poeta, de príncipe, de mestre e de amigo.

São palavras que me abrem generosamente as portas da Academia Cearense de Letras e me encaminham logo para um momento forte de serena admiração diante do Patrono da Cadeira n.º 8 — *Domingos Límpio* e de meus ilustres antecessores *Fernandes Távora* e *Aderbal Sales*.

Defronto-me agora, reverentemente, com esses três grandes cearenses, poderosos na ação e na reflexão — e com uma singular e fascinante criatura de ficção — LUZIA-HOMEM, protagonista do romance homônimo de Domingos Olímpio.

A VIAGEM

Viajo pelo tempo e pelo espaço
profundamente, mas sem rumo certo
e vou gravando tudo num retrato
feito de vozes e pequenos gestos.

Talvez de adeuses e pequenos restos
de tudo o que se foi, mas não passou,
porque reviverá na grande festa
dos que se libertarem pelo amor.

Há uma estrela azul que me orienta
nesta viagem que atravessa o espaço
e que rompe as barreiras deste tempo:

Estrela que ilumina e que apascena,
mão que desliza leve sobre o braço
como um beijo de luz em cada face.

Esta estrela azul, como a de Manuel Bandeira, “que tão alta luzia” representa aqui a *estrela Luzia* — Luzia-Homem, mulher símbolo da força, da beleza, da coragem e do sofrimento da poesia — poesia como expressão literária em seu sentido mais amplo da terra e do povo do Ceará — mulher símbolo do espírito da própria Academia Cearense de Letras.

Viajo pelo espaço e pelo tempo: Sobral — 1850, Jaguaribe — 1877 e Urubetama — 1903, três espaços e três tempos convergentes. Vejo *Domingos Olímpio*, *Fernandes Távora* e *Aderbal Sales*, neste momento, diante de nós, jovens e fortes, tal como estão presentes na História do Ceará e na História da Literatura cearense.

Domingos Olímpio — Advogado, jornalista, deputado à Assembléia Provincial, secretário de Missão Diplomática, fundador da revista *Os Anais*, teatrólogo, contista, romancista autor de *Uirapuru*, *O Almirante*, e, principalmente, de *Luzia-Homem* (1903)

Fernandes Távora — Médico, jornalista, orador, político militante, deputado estadual, deputado federal, senador da República, interventor federal no Ceará, fundador do jornal *A Tribuna*, autor de *Algo de Minha Vida* e *Idéias e Perfis*.

Aderbal Sales — Médico, professor, presidente do Centro Médico Cearense, secretário de Educação e Saúde do Estado, Secretário de Saúde e Assistência

do Município, autor de várias obras no campo das Letras e da Medicina, desde *Intenções* em 1930 até *O Homem na Paisagem* em 1974.

São na verdade três gerações no mesmo espaço acadêmico da Cadeira nº 8, espaço maior da nossa admiração.

Domingos Olímpio descreve Luzia-Homem:

“Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher (...) encobre os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas-moças do sertão”. (*Luzia-Homem*)

Fernandes Távora medita:

“Neste incessante fluxo que se chama viver e morrer, nada perece: as formas renascem, as sombras adejam na sua imaterialidade, criando o mundo da recordação”. (*Algo de Minha Vida*)

Aderbal Sales afirma:

“A arte é sempre puramente criadora”. “Criar é antecipar”. “A idéia se faz força pelo sonho, mas o sonho deve fazer-se realidade pela criação. “Sonhar para criar”. “Viver é criar.” (*Intenções*)

Não posso deixar de escutar junto a estas vozes outras vozes acadêmicas que revivem para mim passado recente e me soam familiares:

Filgueiras Lima

Braga Montenegro

Dolor Barreira

Henriqueta Galeno

Otacílio de Azevedo

Jáder de Carvalho

Milton Dias.

Escuto também a música das vozes amigas do presente, que dizem coisas que eu gostaria de ter dito:

JOARYVAR MACEDO no dia de sua posse nesta Casa:

“Cresci ouvindo o gorjeio dos pássaros buliçosos nas copas do arvoredo agitado pelo vento. Cresci ouvindo, ao alegre romper do dia, o trinar festivo do canário e do galo-de-campina; e nos entardeceres melancólicos, o arrulhar tristonho de asa branca e da juriti ou o trilar dolente da codorniz e do inambu.”

LINHARES FILHO, no seu “Antessupremo Canto”:

“Dou-vos escassas colheitas

conseguidas com o ofício

de fazer chuva-de-giz

defrente do quadro-negro”

“Deixo-vos tudo o que sou

no tudo-nada do sonho.”

ARTUR EDUARDO BENEVIDES ao receber o título máximo da poesia cearense:

“A poesia é transubstanciação do espírito, ofertório vibrátil e sensível, arco-íris do verbo e processo de conhecimento das coisas e da vida. É a maneira

mais abrangente e profunda de visualizarmos o efêmero e o eterno, o sagrado e o profano, o fático e o mítico, o real e o imaginário.”

Estas palavras de Artur Eduardo Benevides fazem-me retornar de maneira viva aos tempos de descoberta da poesia.

A POESIA

Não posso me esquecer daqueles dias
verdes e azuis, velozes e risonhos,
em que perto, tão perto aparecias,
além dos sinos, muito além dos sonhos.
E eu ficava pensando, só pensando,
segundo por segundo por segundo,
quem és tu, assim tanto, tanto, tanto,
como pousaste neste nosso mundo?

Vejo tudo tão breve e passageiro
mas sei que alguma coisa permanece
e brilha acima de qualquer destroço.
Ainda que eu percorra o espaço inteiro
e este tempo sem fim não recomece,
algum dia esquecer — isso eu não posso!

Não posso me esquecer da descoberta da poesia, palavra menor, prelúdio
e reflexo de outra poesia, palavra , prelúdio e reflexo de outra poesia, palavra
maior, a palavra de Deus.

Não posso me esquecer do poema do estudante de Direito, publicado
um dia desses, há quase trinta anos, nas páginas do Unitário, pelas mãos amigas
de Antônio Girão Barroso e que começava assim:

“Descia a grande noite científica
cheia de estrelas de matéria plástica
e de satélites artificiais...”

Não posso me esquecer do Grupo Concreto do Ceará neste reencontro
acadêmico com Antônio Girão Barroso e Pedro Henrique Saraiva Leão.

Não posso me esquecer do primeiro livro do estudante de letras, publicado
há exatamente vinte anos, pouco depois dos *Cantos de Longa Ausência*, de
Sânzio de Azevedo e pouco antes dos *Sumos do Tempo*, de Linhares Filho
e do *Planisfério*, de Barros Pinho.

Não posso me esquecer do nosso Grupo SIN e da Faculdade de Letras
daquele tempo, sob a direção de Artur Eduardo Benevides, com os professores
Moreira Campos, Pedro Paulo Montenegro, Carlos d'Alge, Otacílio Colares e
José Rebouças Macambira.

Não posso me esquecer também, Evendina, neste ano de nossas bodas de prata, da expansão do amor nas nossas vidas: os filhos que temos, os livros pequenos que escrevemos, as árvores de sonhos que plantamos. Sim, filhos, livros, árvores de sonhos são todos nossos. Ou melhor, nós é que somos deles. Nós é que somos neles. Como somos também mais e mais nós mesmos nas alegrias e realizações de nossos irmãos, de nossos amigos, de nossos alunos; de nossos estimados colegas do Departamento de Letras Vernáculas e do magistério universitário.

A DÁDIVA

Cada pessoa tem a sua música,
cada mensagem traz a sua túnica,
cada cor se revela no seu púlpito,
cada história de amor é sempre única.
O escafandrista explora a veia cômica,
o pescador disfarça a sua tática,
a surpresa maior não fica atônita,
cada história de amor é sempre mágica.
A realidade é correnteza aurífera,
a fantasia pode ser verídica,
cada história de amor é sempre lúcida.
O bronze redescobre a sua pátina,
o mundo desilude a sua máquina,
cada história de amor é sempre mística.

Assim como a Sagrada Escritura é a história do amor de Deus, a Literatura, escritura do homem, é a história do amor do homem e de sua fome e sede de justiça.

E a palavra do homem, imagem, semelhança e instrumento da Palavra de Deus, na Literatura, é também palavra-ação, palavra-oração e palavra do coração.

Creio então que academia de letras é academia da palavra e da palavra sobre a palavra: da palavra transparente da Ciência e da palavra luminosa da Literatura. Palavra-dia-fania e palavra epifania. Noema e poema.

Cada mensagem traz a sua túnica, a sua túnica de palavras. Cada mensagem traz também a sua tônica. Que a tônica desta mensagem seja, pois, um grande exercício de admiração que culmine num ato de louvor e de agradecimento a Deus.

Em primeiro lugar pela sintonia da vida e da obra de DOMINGOS OLÍMPIO, FERNANDES TÁVORA e principalmente da ADERBAL SALES, que nos deixou há poucos meses e cuja lembrança está viva no coração de seus amigos e familiares. Sua competência como escritor, sua dedicação profissional e sua grandeza humana estão presentes não apenas em tudo o que ele escreveu como médico

e homem de Letras, mas também no testemunho comovido das pessoas que conviveram com ele mais de perto.

Devo aos amigos Noemi Elisa Soraiano Aderaldo e Batista de Lima o acesso a seus livros mais representativos.

É, portanto, a partir da obra de Aderbal Sales, que louvo e agradeço a Deus também por tudo o que tem sido escrito pelos membros desta Academia em todos os gêneros literários e em vários outros ramos da cultura:

Louvo a Deus pela poesia de Artur Eduardo Benevides
pelos contos de Moreira Campos
pelos romances de Fran Martins
pelo teatro de Eduardo Campos
pelos ensaios de Pedro Paulo Montenegro
pelas crônicas de João Jacques
pelos artigos de Carlos d'Alge
pelas vinhetas de Itamar Espíndola
pelo romance reportagem de Durval Aires
pelas estruturas desmontadas de F. S. Nascimento
pelos sonetos de Cláudio Martins
pelos estudos de Literatura Cearense de Sânzio de Azevedo
pelos estudos de Literatura Portuguesa de Linhares Filho
pela História do Ceará de Raimundo Girão
pela História de Fortaleza de Mozart Soriano Aderaldo
pela Praça do Ferreira de Abelardo Montenegro
pela Academia de Letras de Manoel Albano Amora
pelo Vale Coririense de Joaquim Macedo
pelo Vale do Axaraú do Pe. Sadoc de Araújo
pelos estudos folclóricos de Florival Seraine
pela obra lingüística de João Rebouças Macambira
pela obra jurídica de Paulo Bonavides
pela agronomia humanística de Francisco Alves de Andrade
pela medicina tropical de Lúcio Alcântara
pelo Mundo em Três Dimensões de Alencar Araripe
pelo jornal A Fortaleza, de José Valdivino de Carvalho
pelos Lembrados e Esquecidos de Otacílio Colares
pelos suplementos literários de Antonio Girão Barroso
pelas universidades de Martins Filho
pelas academias de Ribeiro Ramos
pela Casa de Juvenal Caleno, de Nenzinha Galeno
Pela História da Medicina do Ceará, de Vinicius Barros Leal
pelos estudos franceses de Newton Gonçalves
pela Vinha dos Esquecidos, de João Clímaco Bezerra
pelo Agreste, Nata e Sertão, e Nertan Macedo
pelo Circo Encantado, de Barros Pinto
pela Pássaro de Fogo, de Cid Carvalho

pela Ilha da Canção, de Pedro Henrique Saraiva Leão
pelos poemas de todos os poetas
pelos poetas de todos os ofícios

Louvo a Deus pela bibliotecária nº 1 do Ceará — Marai da Conceição Souza
e pelo que ela representa para esta Academia e para todos os acadêmicos.

Louvo a Deus, afinal, pelo dia de hoje, antevéspera do aniversário do Presidente Cláudio Martins, data por mim escolhida para homenageá-lo, juntamente com sua esposa Irene, homenagem que desejo seja estendida a todos os nossos amigos aqui presentes, àqueles, como Cláudio Martins, que tem fé na poesia e àqueles, como Irene Martins que têm a poesia da fé.

Muito obrigado a todos.